



TRUMP 2.0

Suprema Corte impõe derrota à Casa Branca

Por cinco votos a quatro, juízes mandam o governo liberar US\$ 2 bilhões para programas da agência de ajuda internacional

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, sofreu, ontem, a primeira derrota na Suprema Corte, de maioria conservadora, em seu novo mandato. Por cinco votos a quatro, os juízes rejeitaram um recurso emergencial do governo contra decisões de instâncias inferiores e liberaram aproximadamente US\$ 2 bilhões (R\$ 11,6 bilhões) em pagamentos a organizações de ajuda internacional.

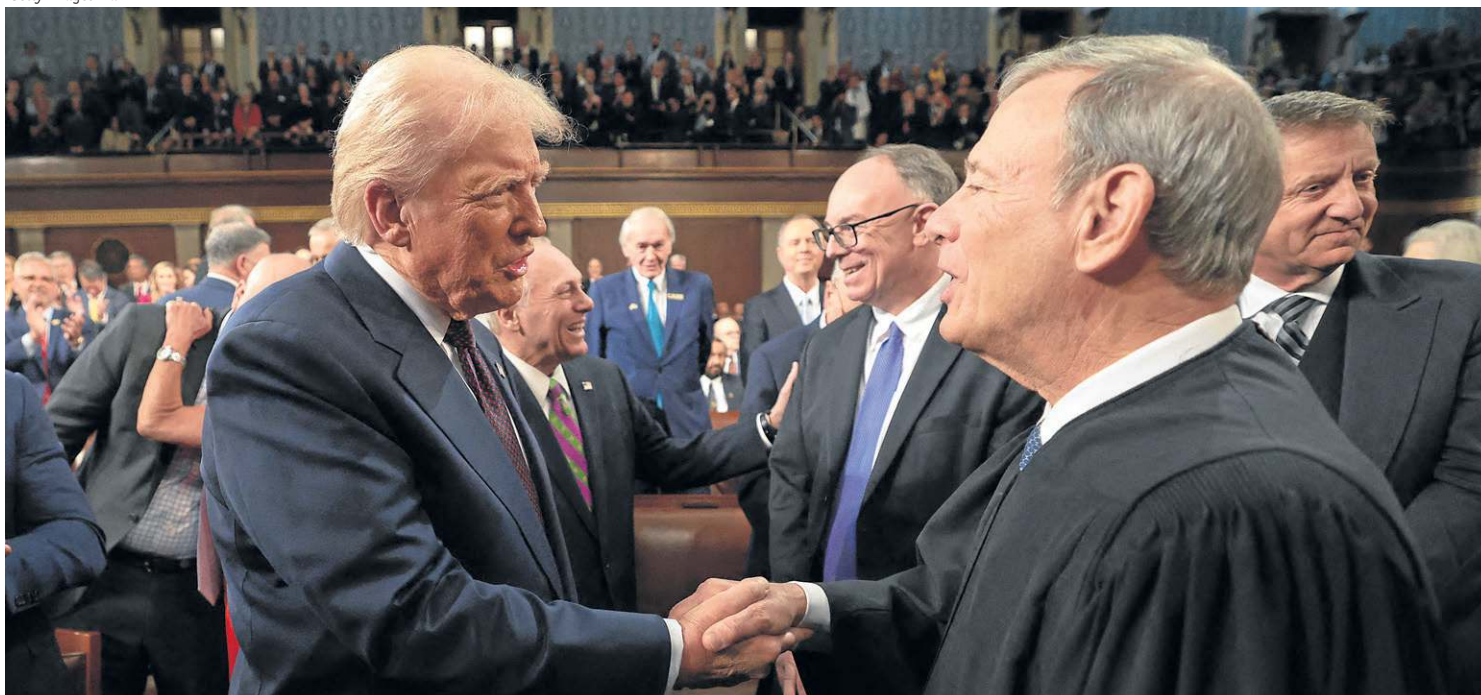
Pela deliberação, o governo terá que efetuar o repasse financeiro de contratos que já foram concluídos. Ao retornar à Casa Branca, em 20 de janeiro, Trump assinou um decreto congelando a ajuda internacional por 90 dias.

A decisão, no entanto, não tem efeito prático imediato. Os magistrados da Suprema Corte consideraram que cabe ao juiz federal que ordenou o restabelecimento dos pagamentos pela Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (Usaid) e pelo Departamento de Estado esclarecer “quais obrigações o governo deve cumprir”.

Isso deverá ser feito levando em conta “a viabilidade de quaisquer cronogramas de conformidade”, o que sinaliza a possibilidade de o assunto retornar à análise da mais alta corte norte-americana.

A derrota de Trump ocorreu com os votos de dois dos seis juízes conservadores, em tese alinhados ao presidente republicano. John Roberts, presidente da

Getty Images via AFP



O presidente cumprimenta o chefe do Judiciário, John Roberts, antes do discurso no Capitólio: juiz conservador votou contra o governo

Suprema Corte, e Amy Coney Barrett, que foi indicada pelo magnata republicano em seu primeiro mandato, votaram contra o congelamento, assim como os três magistrados liberais.

Roberts e outros integrantes da ala conservadora da Suprema Corte estiveram no plenário da Câmara, antontem à noite, para acompanhar o discurso do presidente aos parlamentares — o primeiro do novo mandato. Trump cumprimentou o magistrado antes e depois do pronunciamento.

“Um único juiz de distrito, que provavelmente não tem jurisdição, tem o poder de forçar o governo dos Estados Unidos a pagar (e provavelmente perder para sempre) US\$ 2 bilhões dos contribuintes?”, indagou o juiz conservador Samuel Alito, em seu voto. “A resposta a essa pergunta deveria ser um sonoro ‘não’, mas a maioria deste tribunal, aparentemente, pensa o contrário. Estou pasmo”, respondeu ele.

O juiz Amir Ali, nomeado pelo

ex-presidente democrata Joe Biden, decidiu no mês passado que o governo dos EUA não “suspenderia, pausaria ou de qualquer forma impediria” o financiamento da ajuda externa.

Trump está decidido a cortar gastos do governo federal com a ajuda do homem mais rico do mundo e maior doador de sua campanha presidencial, Elon Musk, que está à frente do Departamento de Eficiência Governamental (Doge). O tema mereceu destaque no discurso de uma hora e 40 minutos do

republicano no Congresso. Um dos principais objetivos é ceifar a ajuda da Usaid, que tem programas de saúde e emergência em cerca de 120 países.

Em mais de uma ocasião, Trump afirmou que a agência é “administrada por lunáticos radicais”. Por sua vez, Musk descreveu a Usaid como uma “organização criminosa”.

OMS

Enquanto isso, a Organização Mundial da Saúde (OMS) alertou

» Veteranos não escapam

O Departamento de Assuntos de Veteranos dos Estados Unidos planeja cortar cerca de 80 mil postos de trabalho no âmbito do plano do presidente Donald Trump de reduzir a administração federal, segundo um memorando ao qual a agência de notícias France Presse (AFP) teve acesso. O objetivo é que o departamento retorne ao número do fim de 2019, de 399.957 funcionários, segundo os chefes da pasta. Hoje, são aproximadamente 479 mil trabalhadores.

que os cortes no financiamento dos Estados Unidos para programas de tuberculose colocam “milhões de vidas” em situação de vulnerabilidade. Uma das primeiras ações de Trump foi deixar a agência das Nações Unidas, classificada por ele como um “mundo corrupto” durante o discurso no Capitólio.

“Cortes repentinos no orçamento agora ameaçam anular o progresso duramente conquistado, colocando milhões de pessoas, especialmente as mais vulneráveis, em grave risco”, assinou a OMS em um comunicado.

Compartilhamento de dados de inteligência suspenso

Dois dias após a suspensão da ajuda militar, os Estados Unidos interromperam, desde ontem, o compartilhamento de dados de inteligência com a Ucrânia, em um novo desdobramento do bate-boca entre os líderes dos dois países na Casa Branca, na semana passada. A decisão, anunciada pelo diretor da CIA, John Ratcliffe, compromete uma área considerada por Kiev essencial para conter a invasão russa.

“O presidente (Donald) Trump tinha dúvidas reais sobre se o presidente (Volodymyr) Zelensky estava comprometido com o processo de paz”, disse Ratcliffe à Fox News. O diretor da CIA afirmou que a pausa

“na frente militar e na frente de inteligência” é temporária. Acrescentou também que os Estados Unidos voltarão a “trabalhar lado a lado com a Ucrânia”.

Na terça-feira à noite, em discurso no Capitólio, Trump disse que Zelensky lhe garantiu que estava pronto para negociar o fim da guerra com a Rússia e para assinar um acordo para a exploração de minerais pelos EUA na ex-república soviética. Por sua vez, o ucraniano publicou, em suas redes sociais, que o episódio no Salão Oval foi “lamentável”. Destacou ainda que gostaria de “consertar as coisas” com

o republicano para trabalhar sob sua “forte liderança”.

No pronunciamento, em que fez um balanço das primeiras seis semanas de governo, Trump leu o que seria uma carta de Zelensky. “A Ucrânia está pronta para se sentar à mesa de negociações o mais rápido possível para trazer uma paz duradoura. Ninguém quer a paz mais do que os ucranianos”, dizia um trecho. Segundo a embaixadora da Ucrânia nos EUA, Oksana Makarova, tratava-se de uma postagem em rede social.

Ontem, Zelensky considerou que uma paz duradoura com a Rússia é “totalmente factível” se a

Europa colaborar com os Estados Unidos. O ucraniano participa, hoje, em Bruxelas, da reunião convocada pela União Europeia para discutir saídas para a guerra, que entrou no quarto ano. Ele vem mantendo contatos frequentes com líderes de países do continente.

“Todos queremos um futuro seguro para nosso povo. Não um cessar-fogo temporário, mas o fim da guerra de uma vez por todas. Com nossos esforços coordenados e a liderança dos Estados Unidos, isso é totalmente factível”, escreveu Zelensky, nas redes sociais, em mais um aceno à Casa Branca.

A mensagem foi divulgada após

uma conversa telefônica com o chefe de governo alemão, Olaf Scholz, que, segundo Berlim, recebeu positivamente o desejo de Zelensky de iniciar negociações o quanto antes. O ucraniano também dialogou, por vídeo, com o primeiro-ministro de Portugal, Luis Montenegro.

Na véspera, Zelensky propôs uma trégua com Moscou para interromper os ataques aéreos e marítimos e iniciar conversas sobre o desfecho do conflito. E disse estar disposto a assinar o acordo sobre a exploração dos recursos naturais ucranianos pelos EUA, uma reivindicação de Washington.

O Kremlin avaliou positivamente os sinais emitidos por Kiev. “Mas há questões a serem consideradas”, observou o porta-voz da presidência russa, Dmitri Peskov. O governo de Vladimir Putin tem dúvidas sobre a condução das negociações. Peskov citou um decreto assinado por Zelensky, em outubro de 2022, que descartava negociações diretas com Putin.

Moscou exige a “desmilitarização” da Ucrânia e a cessão dos territórios que reivindica como anexados. Kiev, até o momento, rejeita tais condições e as considera inaceitáveis.

QUARESMA

Cardeais lamentam ausência de Francisco

Cardeais lamentaram, ontem, a ausência do papa Francisco na celebração do início da quaresma católica. Hospitalizado há 21 dias, em razão de uma dupla pneumonia que mantém os fiéis em alerta, o pontífice passou o dia estável, sem crises respiratórias, segundo o Vaticano. “Nós nos sentimos profundamente unidos a ele neste momento e agradecemos a oferta de suas orações e sofrimentos pelo bem de toda a Igreja e do mundo inteiro”, declarou o cardeal italiano Angelo De Donaris, que leu a homilia escrita por Francisco durante a missa da quarta-feira de cinzas.

Donaris presidiu a cerimônia na Basílica de Santa Sabina, na colina do Aventino, em Roma. “Tocamos a fragilidade na experiência da doença, da pobreza e do sofrimento que às vezes cai repentinamente sobre nós e

nossas famílias”, escreveu Francisco, em um texto que ressoa com sua própria situação.

As celebrações da quarta-feira de cinzas dão início à quaresma, o período de 40 dias que precede a Páscoa. O pontífice argentino, de 88 anos, costuma presidir a missa desse dia, na qual os fiéis recebem em suas testas cruzes de cinzas — tradicionalmente, elas vêm da queima das palmas do Domingo de Ramos das comemorações da Páscoa do ano anterior.

Tratamento

Pela manhã, o Vaticano divulgou que o papa “descansou bem durante a noite” e acordou pouco depois das 8h (4h de Brasília). Uma fonte da Santa Sé informou que Jorge Mario Bergoglio passou as duas noites anteriores com máscara de oxigênio

AFP



Cardeal Angelo De Donaris (C) chega à Basílica de Santa Sabina

porque o dispositivo o ajuda a dormir melhor, após as crises de broncoespasmo de segunda-feira. Ontem, mais uma vez, ele

recebeu oxigênio de “alto fluxo” através de uma cânula nasal.

Foi a segunda vez, em 12 anos de pontificado, que o papa não

participou das celebrações da quarta-feira de cinzas. A primeira ausência ocorreu em 2022, em decorrência de uma dor aguda no joelho. Este ano, Francisco também não estará nos tradicionais “exercícios espirituais”, um retiro que acontece anualmente com a Cúria, os funcionários e a administração da Santa Sé.

No Hospital Gemelli de Roma, onde ocupa uma suíte no 10º andar, o jesuíta argentino alterna descanso, orações e fisioterapia para se recuperar da pneumonia, que provocou quatro episódios de insuficiência respiratória. “O papa leva em seu corpo os sinais de fragilidade e de doença, como qualquer ser humano”, comentou o cardeal venezuelano Edgar Peña Parra, número 3 do Vaticano, que visitou Francisco no domingo.

Francisco não aparece em público desde que deu entrada no Gemelli, que o papa João Paulo II

chamava de “Vaticano III”. Esta é a internação mais longa do pontificado de Francisco, que perdeu a oração do Angelus nos últimos três domingos, algo inédito desde sua eleição, em 2013.

A equipe médica responsável pelo pontífice não se pronunciou sobre quanto tempo ele permanecerá internado ou sobre o período de convalescença se conseguir superar a doença, o que vem gerando inquietação entre os católicos.

Religiosos e fiéis continuam se reunindo em frente ao hospital, onde deixam flores e velas aos pés da estátua em homenagem a João Paulo II. “Neste momento em particular, precisamos realmente de seu apoio e proximidade”, disse Domenica Patania, uma italiana de 63 anos. “Queremos que ele tenha boa saúde por muitos anos mais”, declarou à AFP-TV.